

## **A PSICANÁLISE E O ROMPIMENTO COM O PARADIGMA MODERNO E O PRIMADO DO AFETO: LUGAR DO ANIMAL COMO COADJUVANTE NA CLÍNICA<sup>1</sup>**

Pedro Pires do Espírito Santo Silveira<sup>2</sup>  
Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente<sup>3</sup>

### **RESUMO:**

Foi desenvolvido um estudo bibliográfico sobre a psicanálise, suas dimensões e quebras de paradigmas, tendo Freud como psicanalista que auxilia com sua forma de pensar, colocando o paciente com seu próprio saber, como o próprio sujeito na terapia e como seu inconsciente se expressa. A partir daí foi abordado o afeto, a angústia, e sua ligação com a terapia assistida por animais. Como o animal consegue cumprir o papel de coadjuvante nesse processo de ajuda aos seres humanos na diminuição de suas angústias. Foi percebido que a terapia assistida por animais tem grande importância no papel da relação homem-animal, suas emoções e sentimentos. O animal cumpre com louvor o seu papel no que diz respeito a afeto e amor. Não é por menos que temos relatado em nossa literatura e audiovisual casos reais de como os animais interferem no processo de ajuda e recuperação de crianças, adultos e idosos, apesar de ainda ser um instrumento de estudo a ser aprofundado.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Afeto. Angústia. Terapia Assistida Por Animais.

### **PSYCHOANALYSIS AND THE DISRUPTION WITH THE MODERN PARADIGM AND THE PRIMACY OF AFFECTION: ANIMAL AS AN SUPPORTING IN THE CLINIC**

### **ABSTRACT:**

A bibliographic study was developed on psychoanalysis, its dimensions and paradigm breaks, with Freud as a psychoanalyst who helps with his way of thinking, placing the patient with his knowledge, as the subject himself in therapy and how his unconscious is expressed. Thereafter, affection, anguish, and its connection with animal-assisted therapy were approached. How the animal manages to fulfill the supporting role in this process of helping human beings in reducing their anxieties. It was realized that animal-assisted therapy has great importance in the role of the human-animal relationship, their emotions and feelings. The animal fulfills, with greatness, its role of love and affection. Not surprisingly, we have reported in our literature and audiovisual real cases of how animals interfere in the process of helping and recovering children, adults and the elderly, although it is still a study tool to be further investigated.

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA), na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 20/05/2021 e aprovado, após reformulações, em 21/06/2021.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:pedrosilveira1402@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Psicologia, docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:rcacastelo@bol.com.br

**Key-words:** Psychoanalysis. Affection. Anguish. Animal-assisted Therapy.

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do princípio que o homem é um ser dotado de afetos, sentimentos e emoções, baseando-me no estudo da psicanálise, pode-se perceber a relação do sujeito com suas rupturas e como o animal entra nesse contexto, sendo um coadjuvante no tratamento de suas angústias no processo terapêutico.

A psicanálise e o rompimento com o paradigma moderno e o primado do afeto é quem coloca esse animal na clínica psicanalítica, sendo que a psicanálise trata desse afeto. A partir da revisão bibliográfica feita, pode-se retratar e interligar essa ruptura como o afeto por excelência e suas angústias. Partindo daí, a Terapia Assistida Por Animais entra trazendo o cão como um coterapeuta devido a suas habilidades e reações ao toque, ao amor, cuidado e proteção.

Dos animais, temos o cão como o primeiro animal a ser domesticado e o que, através de treinamento e dessensibilização, consegue auxiliar no tratamento de quem o procura. Relevante é a maneira com que os seres humanos se relacionam com os animais, e há comprovação científica que associa que as crianças que possuem animais de estimação e possuem vínculo com eles, possuem melhor interação social, são mais empáticas e se comportam melhor socialmente. A última seção do estudo trata abertamente como a relação homem-animal acontece e os seus benefícios.

## 2 A PSICANÁLISE E O ROMPIMENTO DO PARADIGMA MODERNO

A psicanálise é uma forma de terapia desenvolvida por Sigmund Freud, que serve para os indivíduos entenderem melhor suas emoções e sentimentos, assim como auxilia na identificação do inconsciente e como ele influencia nos pensamentos e ações do dia a dia. O método investigativo proposto por Sigmund Freud revolucionou o tratamento dos doentes ao deslocar o saber médico para o próprio paciente, indicando, assim, que quem tem o saber sobre si é o próprio sujeito.

Abalado por grandes descobertas, pela crítica, invenções, mudanças religiosas e políticas na forma de enxergar o mundo, o século XVI representou as incertezas em

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

relação às verdades que haviam sido acumuladas por mais de dois milênios. E o que restou dessa perplexidade e dúvida na qual o homem (o eu) foi entregue? Restou a incerteza da interioridade. Assim, Michel de Montaigne, grande filósofo, político, cético e escritor, destrói a garantia de interioridade, restando a incerteza. A dúvida de se chegar a alguma verdade, fez com que Montaigne questionasse o impasse e permanecesse no ceticismo. (GARCIA-ROZA, 2009).

Descartes utiliza da dúvida de Montaigne como um ponto de partida para seu pensamento acerca das mudanças ocorridas. Garcia-Roza, a este respeito, destaca a fala de Koyré (1980, p. 51 apud GARCIA-ROZA, 2009, p. 26, grifo do autor): “A dúvida, o cético e Montaigne *sofrem-na*. Descartes *exerce-a*”. Partindo da dúvida, Descartes chega à certeza do cogito feito razão.

O século XVII partilhou a razão e a “desrazão”. Foi o momento da loucura<sup>4</sup>. Era evidente que se tornava importante em dado momento, aliar-se a um lado. Não restando espaço para a dúvida.

De acordo com Garcia-Roza (2009) a partir da fase pré-histórica da psicanálise, deu-se o declínio progressivo no modo de pensar de antes, que era aristotélico. Com o modelo mecânico de Newton, foi colocado um novo olhar sobre o corpo e uma nova visão sobre o homem: a união do céu e da terra em uma única explicação. Surgia a figura de René Descartes, que se fazia revolucionário e herdeiro dos pensamentos grego e medieval. Ainda de acordo com o referido autor, Descartes investigava os demônios da subjetividade, tendo sido esta um referencial central, e às vezes exclusivo, para o conhecimento da verdade que habita a consciência. Desde Descartes, essa morada seria o problema principal, o de saber se chegamos à verdade pela via da razão ou da experiência. É válido lembrar que a subjetividade passa a ser denominada pela razão, portanto, conduzida pela consciência. O “autocentrimento” do eu e na consciência é o marco cartesiano com a célebre formulação “penso, logo sou”

A partir daí, “de René Descartes (1596 – 1650) e Immanuel Kant (1724- 1804) até Edmund Husserl (1859- 1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto

---

<sup>4</sup> “Extravagância, perda do juízo, perturbação do pensamento, divagação do espírito, domínio das paixões, tais são as imagens dessa doença que atinge os homens desde a noite dos tempos e cuja origem é buscada ora na magia (possessão demoníaca ou divina), ora no cérebro ou nos humores (medicina hipocrática), ora, ainda, nos movimentos da alma (psicologia).” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 478).

fundamento de seus pensamentos e atos”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 742). De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Freud realizou o abalo da soberania do eu, da razão da consciência com uma nova concepção sobre o inconsciente. Com a concepção freudiana, o sujeito torna-se cindido em duas formas de funcionamento, consciente e inconsciente, e é subjugado à primazia deste. Assim, um ponto fundamental da teoria freudiana é a noção da subjetividade essencialmente clivada. A proposta de Freud, ainda de acordo com os autores mencionados, sobre o inconsciente era caracteriza-lo como uma instância do aparelho psíquico marcada por uma maneira de operar, regido por diferentes ordenadas da consciência. O inconsciente para Freud é, segundo argumentam os supracitados autores, o que genuinamente constitui a subjetividade.

Em sua obra *Interpretação dos sonhos*, no sétimo capítulo, Freud (2007) postula que o aparelho psíquico é dividido em instâncias – pré-consciente, consciente, e inconsciente –, e elabora a síntese própria do inconsciente. Assim é que a filosofia moderna constrói uma subjetividade, seu ideal e o da constituição da ciência, verdadeiro conhecimento e conhecimento da verdade. O mundo das ideias foi substituído pela subjetividade. O objetivo é um só: reduzir a horizontalidade do conhecimento à verticalidade do conhecimento.

O século XVI foi marcado por incertezas e confuso, pois as verdades até então pré-existentes haviam sido derrubadas. As mesmas tinham sido acumuladas por milênios, desde a autoridade de Aristóteles até a fé na Igreja Católica e nas instituições do mundo ocidental. O homem ficou entre a perplexidade e a dúvida. Sendo assim, o que restou da destruição de Deus e do mundo? O Eu. A única certeza era de que o homem tinha a si próprio. Das cinzas do mundo de Deus e das verdades estabelecidas, o que o homem encontrou foi o vazio do ceticismo e a ausência de qualquer garantia. Como já destacado anteriormente, desde Koyré (1980 apud GARCIA-ROZA, 2009), enquanto Montaigne sofre em relação à dúvida, Descartes decide por exercê-la.

Michel Foucault (1978, apud TORRE; AMARANTE, 2011), descreve minuciosamente como isso se deu. Para o autor, a loucura não existia, o que existia era a diferença e o lugar da diferença. Uma loucura delimitada e que era vista como forma de suprema sabedoria, para se perder, logo em seguida, no mistério da diferença pura. Tornava-se fundamental naquele momento que se estivesse de um

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

lado ou de outro: da razão ou da “desrazão”. Claro está que a loucura do século XVI não foi produzida por Descartes. Seu feito foi destacado em registros e através de seu discurso filosófico, uma realidade que transcendia ele próprio e seu discurso, pois o mesmo era um registro vivo.

Garcia-Roza (2009) aponta que para Descartes a loucura não atingia o pensamento, somente o homem. Não havia um pensamento louco, o homem pode ficar louco, o pensamento não. Se o que distingue o homem do animal é a racionalidade, o louco identifica-se com o animal.

Segundo Garcia-Roza (2009), Foucault diz que a loucura é uma produção do século XVIII. O louco é o efeito da série médica e asilar. Seu objetivo era justificar o conjunto de práticas articuladas no espaço asilar. Importava à psiquiatria apresentar o louco como um ser perigoso e o psiquiatra como o que resguardava a sociedade. A partir de Moreau de Tours, a relação da loucura com a psiquiatria era uma relação com a própria loucura. Mas Moreau de Tours via o fundo homogêneo ao normal e o patológico. Encontramos o material inconsciente em nós mesmos todas as vezes em que sonhamos. “O sonho é a loucura do indivíduo adormecido enquanto os loucos são sonhadores acordados”. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 30). Sendo assim, o sonho é o que mais se aproxima da loucura.

Segundo Plastino (2001), o paradigma moderno frente às novas visões sobre o homem e o universo apresenta uma visão mecanicista e racionalista, em que as ideias eram divididas entre sujeito/ objeto, natureza/ cultura e corpo/psiquismo. Este paradigma se encontrava em crise. Suas bases são questionadas, ou até mesmo ultrapassadas – por omitirem ao relativizar as leis de Newton, por Freud que afirmava, ainda de acordo com Plastino (2001), que o homem é apenas produto de sua consciência, e por tantos outros filósofos da época racional.

Para Prudente e Ribeiro (2005) a psicanálise propôs a escuta do inconsciente, e por conta disso, rompeu com a medicina, a qual o corpo do homem era doente. Porém, a psicanálise, para as autoras, tem uma proposta diferente de tempo cronológico. No inconsciente o tempo é lógico, não cronológico. Vemos ainda, em Prudente e Ribeiro (2005), que a psicanálise, admitia a existência do inconsciente e, com isso, subverteu o cogito cartesiano. As referidas autoras afirmam que Freud apresentou algo novo, algo que o paradigma da época não soube lidar: uma visão de mundo onde o inconsciente passava pela via do impossível. A psicanálise toma lugar

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

dentro das teorias da revolução científica de Thomas Kular, pois levava em conta que ela tem sua própria metodologia para o estudo do inconsciente, fenômeno esse não reconhecido pelo paradigma moderno devido a visão realista, ocorrendo aí uma quebra de paradigmas.

A psicanálise constrói uma experiência de conhecimento, não se constrói apenas como um novo sabor, mas como uma forma nova de saber em conhecimento é produzido por um sujeito. Constitui uma relação intersubjetiva caracterizada por relações de afeto. Nesta base empírica, originou-se o conflito da relação estabelecida entre psicanálise e as categorias centrais do paradigma moderno.

Um paradigma moderno é um conjunto de perspectivas dominantes que entorno da concepção do ser, do conhecer e do homem que em períodos de estabilidade paradigmática, atingem uma naturalidade tal que se neutralizam. (PLASTINO, 2001, p. 23)

O conceito de paradigma implica o entendimento de que o conhecimento é sempre e necessariamente parcial e provisório. Dentro dos pressupostos que o conceito de paradigma suporta, destacam-se uma forte visão em natureza e o ser humano constituindo o dualismo básico: sujeito/ objeto, natureza/ cultura, corpo/ psiquismo. Estes pressupostos do paradigma moderno tornaram possível a expansão do conhecimento científico. A modernidade pretendeu fundamentar a pertinência de sua concepção ontológica nesta eficiência e fez da ciência moderna o modelo de uma racionalidade exclusiva, passando do estudo da natureza para o estudo do homem e da sociedade. Assim, a Sociologia foi denominada “física social”. (PLASTINO, 2001).

O desenvolvimento inicial das ciências sociais e humanas demonstrou duas formas de conhecimento científico – as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas-, modelo mecanicista das ciências naturais.

Os paradigmas formam a produção cultural. De acordo com Castoriadis (1992 apud PLASTINO, 2001), esse saber de uma eficácia ilimitada em certos aspectos, de nada serve em outros muito mais importantes. Tal saber em nada diminui a importância dos homens em face dos problemas de sua organização. A coletivização do dilaceramento da sociedade nacional em mundial é a miséria física de dois terços da humanidade e psíquica de um terço da mesma.

A crise teórica resulta dos grandes avanços que o próprio paradigma proporcionou. As revoltas sobre a concepção do ser, do conhecer e do homem, são profundas e surpreendentes. A matéria constitui transformações essenciais das quais

ainda não foram extraídas todas as consequências. Essas profundas transformações derrubam o determinismo universal postulado pela física moderna. A luz da microfísica também foi assinalada por outras ciências e outros saberes do real. A noção de espaço e tempo absolutos, fundamentais no paradigma moderno, vieram das descobertas de Einstein, que afirmava que na física quântica o observador participa ativamente da constituição do objeto observado. A simplicidade de que é atribuída o paradigma moderno ao real foi substituída pela perspectiva da complexidade. Como consequência disso, as ciências e saberes contemporâneos constroem a imagem de um real heterogêneo. (PLASTINO, 2001).

A formulação das leis da natureza toma por base a ideia de que os fenômenos observados independem de tudo, exceto de um conjunto de condições cuja interferência pode ser medida e observada. As leis formuladas são uma simplificação arbitrária da realidade, a qual impede a exploração de outras formas de conhecimento da natureza. As práticas científicas normais são aquelas que se submetem as normas vigente em seu tempo. Sendo assim, percebeu-se a necessidade de estudar fenômenos que não se encaixam dentro do paradigma vigente em suas épocas. São as chamadas práticas extraordinárias de pesquisa, das quais derivará uma ciência extraordinária. (PLASTINO, 2001).

## 2.1 CRISE

Segundo Santos (1988), a resposta à crise pode aparecer de 3 formas:

- 1) A ciência normal – capacidade de lidar com um problema que determinaria uma crise;
- 2) Deixar os problemas de lado para que as outras gerações os resolvessem;
- 3) A crise poderia terminar com um novo candidato ao paradigma;

Para o presente trabalho nos é suficiente o reconhecimento da existência das crises do paradigma moderno, de modo que não nos aprofundaremos nas ideias desenvolvidas por Santos (1988 apud SIMIONE, 2016) – supracitadas.

As peculiaridades do método em psicanálise mostram que a pesquisa nesta área exige a necessidade de que um psicanalista seja o pesquisador. Para se entender o método de pesquisa psicanalítico é de suma importância falarmos de **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

Freud e sobre como ele pensou a psicanálise. (FIGUEIREDO; MINEBRO, 2006 apud SILVA; MACEDO, 2016).

Freud (2011) diz que a psicanálise é um método que trata de distúrbios neuróticos, baseado em procedimentos para investigação de processos psíquicos. Ainda de acordo com Freud (2011), baseado nos estudos com Breuer, no final do século XIX a pesquisa e o esforço terapêutico andavam juntos.

No método psicanalítico de Freud a pessoa expõe seus pensamentos, mesmo os vergonhosos e penosos de se relatar, englobando também os sonhos. Ao atuar desta maneira o, o analista leva em conta a resistência as recomendações, os atos falhos, sintomas, o recalque, os chistes, a vida do indivíduo, que se transforma para o analisando. (ALMEIDA; PRUDENTE, 2019).

Em seguida falaremos a respeito do afeto da angústia, afeto primordial para Freud. Nos dedicaremos ao trabalho relacionado a questão do afeto.

### **3 AFETO POR EXCELÊNCIA E A ANGÚSTIA**

De acordo com o dicionário online de português<sup>5</sup>, afeto é definido como “sentimento terno de afeição por pessoa ou animal; amizade”. Para a psicologia, a afetividade é a capacidade do ser humano de experimentar tendências, emoções, paixões e sentimentos. Não só nos seres humanos demonstramos afeto. Já foi comprovado cientificamente que os animais podem expressar suas afeições com suas ações. (LIMA, 2016).

Em Psicanálise, afeto é, por excelência, angústia. Pode se dizer também que o afeto é visto como “[...] um conjunto de atribuições psíquicas que se movimentam através dos sentimentos, emoções e paixões.” (<https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-afeto-para-a-psicanalise/>).

O ser humano, assim como alguns animais, possui uma relação complexa com o ambiente, e por isso, estabelecem uma melhor comunicação entre as partes. Por meio do afeto podemos agregar, aceitar aquele ser que precisamos da presença. Ajudando no aumento do vínculo, nutrindo-o, o que é vital para existência.

---

<sup>5</sup> <https://www.dicio.com.br/afeto/>

Segundo Pisetta (2008), para Freud a angústia é, em primeiro lugar, algo que é sentido. Ela é denominada como um estado afetivo em que o ser humano se encontra. Tem caráter desprazeroso, mas é preciso ter em vista que nem todo desprazer pode ser denominado angústia. Há outras particularidades da angústia que não se caracterizam como tensão, dor e tristeza. Os estados de angústia mais frequentes estão relacionados aos órgãos respiratórios e ao coração, revelando um caráter desprazeroso específico, bem como reações de descargas e percepções. Pensando assim, acredita-se que na base da angústia exista a excitação aumentada capaz de gerar um desprazer e, por outro, lado alivia-se as descargas mencionadas.

Segundo Freud (1926), no ser humano a angústia ocorre no nascimento, por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento. A angústia deve cumprir uma função indispensável em termos biológicos, com a reação ao estado de perigo, por exemplo. Não sabemos se em outros organismos que não o dos seres humanos ocorre esse mesmo funcionamento. Tendo, então, a função de reação ao perigo, sempre que o indivíduo se deparar com uma situação que ele se sinta em risco, a angústia será reproduzida.

Acredita-se que durante o nascimento possa ocorrer a inervação para os órgãos respiratórios para preparar a atividade dos pulmões, fazendo com que as batidas do coração atuem contra o envenenamento do sangue. Quando o indivíduo reconhece a situação de perigo, ocorre a produção da angústia como uma reação, podendo ser similar ao que foi sentido pelo bebe durante a inervação pulmonar (SANTOS, 2011).

Considerando a teoria Winnicottiana que relaciona a angústia com a natureza humana e seu amadurecimento emocional, pode-se concluir que, de maneira geral, as fobias são desenvolvidas com o amadurecimento da criança na primeira infância, não podendo ser relacionadas apenas ao ato do nascimento. (SANTOS, 2011). A angústia aparece com o avanço psíquico da criança e se perpetua por um determinado período da infância. Quando se estende além deste período, suspeita-se de um transtorno neurótico. Devido a tudo isso, tem-se impressão de que a angústia aparece como reação à falta do objeto. A insatisfação pela falta de objeto alcança um nível desprazeroso. Tendo-se constatado que o objeto externo pode pôr fim à situação perigosa que lembra o momento do nascimento quando ocorre a perda momentânea desse objeto (a falta da mãe), a angústia revela-se produto do desamparo psíquico da

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

criança (do bebê). Então, podemos dizer que na hora do nascimento, ou quando o bebê ou a criança se separa da mãe, mesmo que ela atenda a todas as suas necessidades, surge a angústia.

Soler (2001, p. 18) diz que:

[...] os processos do desenvolvimento da criança, sua crescente independência, a mais clara diferenciação de seu aparelho psíquico em várias instâncias, o surgimento de novas necessidades, não podem deixar de influir sobre o conteúdo da situação de perigo.

Os parâmetros da angústia vão mudando com crescimento da criança. E parece que a variante final desta angústia é a morte. A angústia é um estado afetivo que pode ser sentido somente pelo Eu. Vemos então que as pesquisas anteriores sobre a angústia não devem ser desvalorizadas, mas que se estabeleça uma relação entre elas e as perspectivas mais recentes. Há a possibilidade, mesmo que pouco relevante, que no terreno das neuroses “atuais” o Eu faça tentativas de furtar-se à angústia e atá-la por meio da formação de sintomas. Podemos dizer que a cada fase do desenvolvimento cabe certa condição para a angústia. O desamparo psíquico, assim como a perda do objeto e todas as situações que remetem perigo e condições para a angústia, se estreitam entre situação de perigo que têm efeito e a forma de neurose subsequente.

É lícito determinarmos, em sua condição para a angústia, que já não se trata da falta ou perda real do objeto, mas da perda do amor do objeto. (SOLER, 2001). Uma primeira opinião diz que a angústia é sintoma da neurose, a outra, que há uma relação íntima entre sintoma e angústia. De acordo com a perspectiva de que a angústia seria um sintoma neurótico, os sintomas surgiriam apenas para evitar a angústia, contendo a energia psíquica que seria descarregada como angústia, sendo a mesma o principal motivo da neurose. A segunda afirmação diz que se abandonarmos uma pessoa que tenha agorafobia, por exemplo, na rua após tê-la acompanhado, é muito provável que ela tenha um ataque de angústia. Nesta perspectiva, os sintomas seriam criados para subtrair o eu da situação de perigo. Angústia é a reação ao perigo. (SOLER, 2001).

A angústia é o único afeto que não se engana. Ela não é sem objeto, é experimentada no Eu. Desde antes da psicanálise a angústia interessava a quem se

interessava pelo humano: os filósofos e os poetas. No século XIX, Kierkegaard (1844) atribui à angústia um valor de sinal de existência, o valor de existência é a condição de liberdade do homem. No século XX, a angústia foi retratada por Franz Kafka, Thomaz Mam, Graciliano Ramos, entre outros. Além dos encantos da poesia e da filosofia, a psicanálise considerou a angústia com a proposição de um tratamento: não há cura, mas tratamento para o incurável. Soler (2001) ressalta que Freud ficou confuso em relação à origem da angústia. Confundiu-a com a angústia de castração, até a reviravolta de 1927, que elevava a angústia à causa do recalque e da pulsão, causa do humano. Pulsão se refere ao aumento da excitação e motivação interna para alcançar um objetivo. Esses impulsos motivam as pessoas a reduzir os desejos. O impulso e o hábito contribuem para o desempenho do comportamento instrumental na redução do impulso (<https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-pulsao/>).

Freud (1915 apud GOMES, 2001, p. 251) elabora a concepção inicial da pulsão<sup>6</sup> como pura força em si mesma de qualidade. Situa a pulsão "[...] como um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático. O *objeto* da pulsão é "aquilo junto a que, ou através de que, a pulsão pode atingir seu alvo". É variável, e não está originalmente ligado à pulsão.

Soler (2001) diz que Freud explica essa virada oriunda da sua descoberta da pulsão da morte com princípio da repetição. Em seu texto, a mencionada autora atualiza o conceito de angústia a partir da releitura do Seminário 10 de Lacan, intitulado "A angústia". No século XX, a angústia é um sentimento universal e não é mais tratada com pavor perante Deus e seus castigos. A definição de angústia segundo os sexos e gerações, de acordo com Soler (2001), qualifica o homem pelo recurso ao gozo fálico, ou seja, a castração, enquanto a mulher pelo acesso ao "não todo". Por ser a angústia tão velha quanto o mundo, e porque ela não cessará, Soler (2001) trata de apresentar as necessidades de atualizar as teorias da angústia. No ser humano a angústia ocorre no nascimento, por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento.

---

<sup>6</sup> "Termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem." (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 628).

Tanto com Freud como com Lacan, “[...] a elaboração da teoria da angústia progride solidariamente ao conjunto da doutrina” (SOLER, 2001, p. 16). De acordo com Soler (*op. cit.*), Freud, em 1927, no texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, pensou que o afeto da angústia era resultado do recalque de uma privação pulsional que o recalque implica. A partir de 1927 ele, Freud, disse que a angústia não é um efeito e sim uma causa, e que não resulta do recalque e sim é a causa do mesmo. Neste sentido, entre o recalque e a angústia é preciso introduzir a privação pulsional. A ideia de que a angústia viria da privação pulsional permitia a ele explicar as psiconeuroses de defesa e as neuroses atuais: Aos olhos de Freud, como dito por Soler (2001), o recalque gera a angústia.

Lange (1956) esclarece que, com a introdução do conceito de pulsão de morte, elaborado no texto “Além do Princípio de Prazer”, texto de 1921, Freud descobriu a repetição incoercível que o consciente programa. Em 1927 ele volta a essa tese, afirmando que: “na origem de toda neurose há um acontecimento traumático” (LANGE, 1956, p.20). Ainda de acordo com Lange (1956), ocorre uma mudança quando Freud procura a chave da angústia e é levado a caminhar do recalque ao traumatismo, causa da angústia.

A seu turno, n’O Seminário, livro 10, *A angústia*, Lacan se refere à angústia ao desejo enquanto desejo do Outro, a angústia vem do real. Mas não é só o Outro que deseja, sujeito também o faz. (SOLER, 2001). “Lacan coloca inibição, sintoma, angústia em seu nó borromeano e situa a angústia entre o real e o imaginário” (SOLER, 2001, p. 20). Com isso, tinha a intenção de mostrar que o impasse freudiano da cura é transponível. Já Freud, relata Soler (2001), diz, em 1937, que a cura se depara com a angústia da castração, além disso, se apresenta diferentemente no homem e na mulher.

Soler elucida (SOLER, 2001) que para Lacan, a tese da castração constitui um tropeço no tratamento analítico. Porém, no fundo, a angústia não interessa a Lacan, de modo que o francês usa este afeto para alavancar e avançar com sua teoria do objeto. A mesma autora lembra que Freud nos diz que a angústia era um sinal da experiência subjetiva, já Lacan, na experiência teórica em que elabora a estrutura da divisão do sujeito que o objeto divide, sustenta a tese de que a castração não constitui o tropeço da cura.

Soler (2001, p. 52) destaca que Freud enfatizava que a angústia era a angústia de castração, ou seja, a angústia da falta, e Lacan, o inverso: “[...] é quando a falta falta”. Ainda a autora ressalta que, após a afirmação lacaniana de que “[...] a angústia não é sem objeto” (LACAN, 2005, p. 178), proferida em seu Seminário, operou-se uma “[...] uma modificação da amarração da angústia [...]”.

Na psicanálise a angústia possui uma estrutura de exceção. Todos os afetos se deslocam ao longo do discurso. De acordo com a observação de Freud, como lembra Soler (2001), os afetos não são amarrados. Na psicanálise os afetos não servem para referenciar nada já que eles deslizam. Quando se diz que “[...] a angústia é amarrada ao objeto [...]” ou “[...] a angústia não é sem objeto” se diz que “[...] o objeto é causa do desejo [...]”, é causa da angústia. (LACAN, 2005, p. 209).

A autora francesa chama a atenção para o fato de que Lacan dava ênfase à união entre a angústia e o imaginário, enquanto para Freud, a angústia surge no Eu. Ou seja, na tese freudiana, o imaginário é o lugar da angústia. Neste sentido, o que Soler (2001) resume é a distância que sempre há entre o sujeito e o objeto.

De acordo com Soler (2001), Lacan utiliza o desejo do Outro, Outro que recobre o desejo para a ruptura de cadeia significativa. Ruptura de significações que, mesmo quando são terríveis, não suscitam a angústia propriamente dita. Soler (2001) faz considerações às diferenças: marca o objeto em função da angústia. A ideia de Lacan, ainda de acordo com a autora mencionada, entende que a teoria do objeto permite transpor o impasse freudiano pela distinção subjetiva. “eu sou somente um sujeito falta -a ser; eu sou um objeto” (SOLER, 2001, p. 51) esse é o ponto determinado pela psicanálise.

### 3.1 AS DECLINAÇÕES DA ANGÚSTIA

De acordo com Soler (2001), Lacan coloca a angústia como um acontecimento real. Sempre diz que o imaginário, isto é, o corpo em sua forma, não fora abordado como a imagem, a forma narcisista. Durante os últimos séculos, houve um aumento no tema angústia da civilização que culminou nas filosofias existenciais: Kierkegaard no séc. XIX e Heidegger no século XX. Heidegger indica o problema do medo e da angústia na teologia Cristã. Sua ideia diz que temos a criatura de Deus, a falta, a salvação – o tema da angústia se encontra latente. (SOLER, 2001).

A angústia é um momento e um afeto de destruição subjetiva. O discurso contemporâneo é angustiante. Como “representantes” da angústia temos o estresse, o pânico, a pressão, a depressão. É um novo vocabulário de afeto com características do gozo atual. De início, Soler (2001) chama a imposição do novo vocabulário de afeto de globalização. Não há mais a voz de Deus, os desejos deixam-se seduzir pelos atrativos do mercado.

A angústia moderna é uma angústia do proletariado, segundo Lacan. Cada um como individuo não tem como fazer o laço social pelo fato de que o discurso capitalista desfaz os laços sociais. Lacan diz que a neurose acentua a demanda em relação ao outro, e que o neurótico acentua o desejo e privilegia formas de gozo que participam da privação. (SOLER, 2001).

Freud e Lacan estão de acordo que as vozes das figuras parentais ouvidas pela criança vêm dos primeiros objetos de apego. É uma voz herdada do pai da criança – herdada do outro original. De fato, relata Soler (2001), Freud hesita entre o ideal do eu e o supereu; ele hesita o ego e o id em relação ao supereu. Que opera em parceria com o recalque.

O Recalque<sup>7</sup> é um conceito psicanalítico construído por Freud quando abandonou a hipnose e inseriu a associação livre no tratamento. É necessário entender que a construção desse conceito acontece em função de sua importância no contexto clínico. “[...] o recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente mantendo-a distância”. (FREUD, 1915, p. 152).

Dentro do estudo dos diversos autores citados pode-se observar que: o afeto por excelência na psicanálise é a angústia. E o animal de certa maneira, auxilia esvanecendo, amainando a angústia ao trabalhar no processo terapêutico.

#### **4 O ANIMAL COMO COADJUVANTE NA CLÍNICA DO AFETO**

A relação homem animal deu um grande salto nas relações familiares. Desde que o animal foi domesticado, domado, sua interação com o ser humano foi mudando.

---

<sup>7</sup> “[...], o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647).

Hoje animais fazem parte da família – ao menos é isso o que parece que eles sentem. Com o aumento da população humana e as mudanças na organização familiar, e diante das necessidades inerentes ao homem e em busca de novas estratégias de cuidados, esse nicho familiar se torna aplicável à utilização de animais como facilitadores e potencializadores do trabalho psicoterapêutico. (PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2007).

Há centros específicos de treinamento desses animais, geralmente cães, para auxiliar crianças adultos e idosos. E o resultado é muito significativo. Há 15 tipos de cães para cada ser humano. É relevante o quanto tem crescido o número de pet shops, uma média de 17% ao ano desde 1995, e nos dias atuais os animais tem sido grandes companheiros, já que nos encontramos num contexto de pandemia e isolamento social<sup>8</sup>.

Quais seriam as motivações para essa relação tão próxima e afetiva do homem com o animal? Os objetos reais do nosso mundo tiveram mudanças sempre que novas conquistas psíquicas surgiram. O lugar do animal no mundo, sua interação com os seres humanos, suas funções e o que lhes era atribuído, mudaram de acordo com o processo de subjetivação. Sob ponto de vista etológico e psicanalítico, o animal era companheiro tribal e passa a ser um ente querido que ocupa um espaço especial nas relações homem-animal. Da mesma forma, a interação com o animal pode criar um espaço potencial em uma simples brincadeira com o animal de estimação.

Serpell (2008) fala sobre as lembranças da infância relacionadas a algum animal de estimação, suas brincadeiras e aventuras compartilhadas com a criança e sua família. O carinho propiciado pelo animal e quando o mesmo morre, geralmente a sua primeira experiência de perda ou luto.

Segundo Benecke (1987 apud MONTEZZI, 2014), a relação homem animal vem desde a pré-história, onde encontrou-se registros (datados de cerca de 14mil anos atrás) de cães enterrados próximos a seres humanos. Isso mostra que esse vínculo afetivo entre o homem e o animal vem de longa data.

Acredita-se que o cachorro desempenhe um papel importante em uma multiplicidade de ambientes terapêuticos. Segundo Sendin (2013), as mudanças que os cães proporcionam ao sujeito são claramente percebidas em um ambiente quando

---

<sup>8</sup> <http://www.sosanimal.com.br/informativo/exibir/?id=89>

o animal é inserido na vida do sujeito. De acordo com o autor, a teoria dos papéis sustenta que a pessoa modifica seu comportamento para adaptar-se.

Os cães são empáticos para confortar o sofrimento humano. Anderson (2003 apud SENDIN, 2013) afirma que os cães se aproximam de pessoas que estão chorando ou em sofrimento. Além de serem excelentes para auxiliar a socialização, ajudam na saúde de seus donos, e os ajudam a ficar saudáveis através de seu amor incondicional. Sendin (2013) diz que os beijos caninos fazem as pessoas se sentirem bem e podem realmente ter efeitos físicos benéficos. Eles são ainda de grande valor para auxiliar contra a solidão, oferecendo amor, estímulo, apoio e proteção; geram qualidade de vida melhorada e duradoura, ajudam a diminuir a ansiedade, a depressão, o estresse; despertam a ludicidade em cada ser humano envolvido com ele, promovendo maior comunicação entre as pessoas. (RICARDO, 2017).

Na série “Apenas cães”, reproduzida pela Netflix, o cão é o coadjuvante da história de vida de muitas pessoas, proporcionando maior autonomia aos que, por suas necessidades especiais, precisam dele. Sendo companheiro empático quando necessário, fortalecendo a confiança e a autoestima de seus donos. Há estudos que mostram que o animal propicia ao ser humano uma redução de 16% das queixas de ansiedade, ajudando a baixar a pressão arterial e o ritmo das batidas do coração (RICARDO, 2017). Através do relato de muitas pessoas, pode-se afirmar que a presença de um cão auxilia a fortalecer a autoconfiança e a autoestima quando lhes é dada uma maior liberdade para a retribuição do afeto. (RICARDO, 2017).

Os animais podem servir de mediadores em relações interpessoais, de acordo com Wood (2006 apud MONTEZZI, 2014), que relatou que uma pessoa que possui um animal de estimação a responsabilidade de levá-lo para passear faz com que a pessoa mude a sua rotina, passando a ter um maior convívio social. A interação com outras pessoas e o contato social são considerados fundamentais na civilização atual. O Jornal Britânico de Psicologia realizou, no ano 2000, um experimento no qual foi constatado que pessoas que caminhavam com um cachorro possuíam maior probabilidade de travar um contato social do que os que caminhavam sozinhos. (WOOD, 2006 apud MONTEZZI, 2014). Partindo da mesma concepção do autor citado acima, McNicholas e Collis (2000 apud MONTEZZI, 2014) concluem que, dentro da presente variedade de animais de estimação que compõem o universo

atual, os cães são os que possuem a maior probabilidade de se aventurar com os seus donos. Portanto, propiciando uma maior interação e contato social.

o humano tem uma necessidade inata biológica de interação social e essa interação se torna progressivamente focada em figuras específicas. Comportamentos como seguir, sorrir, parar e tocar são evidentes nos relacionamentos recíprocos entre a criança e sua figura de apego. Esses comportamentos podem se apresentar não apenas com as figuras primárias de apego, mas também com figuras substitutas e suplementares. (TRIEBENBACHER, 1998 apud MONTEZZI, 2014, p. 24)

Por ser facilmente adestrado e responder ao toque afetivamente, o cão pode assumir um papel que vai além daquele de um cão de guarda ou uma simples companhia. Acredita-se que o cachorro possa desempenhar papel importante em uma multiplicidade de ambientes terapêuticos. Segundo Stefanelli (1993), é importante pensar que antes de iniciarmos um tratamento é necessário certificar-se de como acontece a interação paciente-terapeuta, e que a comunicação interpessoal é importante como instrumento básico do processo. É a partir dessa comunicação que o profissional pode efetuar mudanças de comportamento.

Sobre a terapia assistida, Ricardo (2017, n.p.) escreve: “a terapia assistida por cães é um método não tradicional da terapia que estimula a reabilitação de doentes debilitados e pode promover suporte físico a pessoas com incapacidades físicas”.

É interessante perceber que o animal torna-se demasiadamente importante para facilitar a audição, mobilidade e socialização de alguns pacientes, agindo como facilitador no processo de recuperação mais rápida e menos sofrida em alguns pacientes com doenças crônicas, por exemplo. (RICARDO, 2017). A TAA (Terapia Assistida Por Animais) tem como objetivo a utilização do animal de estimação como auxiliador entre o contato do mesmo como o humano. É um método alternativo nos tratamentos terapêuticos em uma série de patologias. É fundamental a observação do ambiente, do paciente, seu grau de interesse e disponibilidade no processo terapêutico, que é um agente de transformação na vida das pessoas (SILVA, 1996). Assim, a TAA, que surgiu na década de 1960, segundo Telhado 2001, é uma técnica, dentre outras tantas, que pode auxiliar o processo de comunicação e interação com pacientes. (TELHADO, 2001). Sendo assim, surge com catalizador na modificação do ambiente, aparece como uma das possibilidades de expressão dos sentimentos, à

medida que os pacientes “[...] percebem que a vulnerabilidade deles se equipara com a do cão.” (RICARDO, 2017, s.p.).

No intuito de caracterizar este “fenômeno”, Ricardo (2017, s.p.) aponta: “[...] este processo chama-se identificação projetiva, ou seja, (os pacientes) se identificam com o bicho, onde este passa a ajudar na recuperação, tornando-se a força motivadora que melhora o tratamento”.

O principal animal utilizado na TAA é o cão, por suas características afetivas pelas pessoas, por ser de fácil domesticação e adestramento e por criar respostas positivas através do toque. Segundo Telhado (2001), a intervenção da TAA obtém resultados eficientes com aqueles que aceitam ser tocados. Para serem utilizados, os animais precisam apresentar bom comportamento, serem bem sociáveis e habituados a conviver com outros animais; devem ser treinados para obedecer comandos básicos.

Para Kawakami (2001), qualquer pessoa pode ser beneficiada pela TAA: idosos, adultos, crianças com câncer, problemas psiquiátricos, portadores de deficiências, pacientes hospitalizados ou pacientes domiciliares. Apesar de se achar que visita de animais a pacientes imunossuprimidos, mais suscetíveis a infecções oportunistas ou alergias e problemas respiratórios pudesse trazer um grande risco, foi comprovado que visitantes humanos transmitem mais infecções ao paciente do que os animais, quando estes encontram-se devidamente limpos e imunizados. A única ressalva seria para pacientes que possuem medo ou alguma restrição a animais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como exposto neste artigo, os séculos XVI e XVII foram marcados por grandes mudanças e incertezas no mundo: grandes descobertas, invenções, verdades, alterações religiosas e políticas na forma de enxergar o mundo e o outro. A racionalidade seguida frente as incertezas, devaneios e o paradigma moderno viveram uma crise. As verdades preexistentes haviam sido derrubadas, até mesmo a fé na Igreja Católica foi abalada, restando apenas a perplexidade e a dúvida. Neste cenário, Freud elaborou sua concepção sobre o sujeito cindido em duas formas de funcionamento: consciente e inconsciente. A proposta de Freud sobre o inconsciente era caracterizá-lo como uma instância do aparelho psíquico marcado por uma maneira

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

de funcionar. De acordo com muitos teóricos citados ao longo do artigo, a loucura passa a ser uma produção do século VXII efeito das casas asilares e hospitais psiquiátricos, os quais são considerados “seguros” frente à loucura. A psicanálise rompe com o paradigma moderno.

Após abordar o rompimento do paradigma e as formulações teóricas de Freud – de que onde há razão não há afeto –, torna-se possível abordar a angústia, afeto primordial para a Psicanálise. A angústia, que pode ser considerada uma reação ao perigo, é comum a todos os indivíduos. É considerada, em primeiro lugar, algo sentido, que possui caráter de desprazer. Mas nem todo desprazer pode ser considerado uma angústia. A clínica psicanalítica do afeto mostra que os indivíduos buscam uma tentativa de lidar com a angústia, dentre as quais, a Terapia Assistida Por Animais (TAA) adquiriu seu espaço.

Através de estudos sobre a relação homem animal, os múltiplos benefícios que podem ser adquiridos advindos daí foram notados. A figura do analista, então, central na clínica psicanalítica, recebe, na TAA, o auxílio de um animal, como o cão, por exemplo, que participa do processo como um facilitador entre analista e analisando. Assim, a partir do primado do afeto, do mesmo modo com que o mundo passou pelas diversas transformações relatadas no presente texto, o setting terapêutico se modifica, expandindo-se para além do espaço do consultório, e abrindo espaço para o animal como coterapeuta.

## REFERÊNCIAS

APENAS CÃES. (Temporada 1). Apenas cães. Direção: Amy Berg. Produção: Paul McGuire; Amy J. Berg; Glen Zipper. Produtora: Disarming Films; Zipper Bros Films. Emissora: Netflix, 2018.

ALMEIDA, G. B. S. de; PRUDENTE, R. C. A. C. A Psicanálise e as revoluções científicas: uma leitura do método psicanalítico através de Thomas Khun. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 168-184, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2488/1622>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FREUD, Sigmund. Repressão. In: **A história do movimento psicanalítico (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 85-93 (Edição Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV).

FREUD, Sigmund. Psicanálise e teoria da libido. In: **Psicologia das massas e Análise do eu e outros textos (1920-1923)**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 244-276 (Obras Completas, volume 15).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: **Inibição, Sintoma e Angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2014, p. 72-74. (Obras Completas, volume 17).

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GOMES, Gilberto. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 249-255, set. 2001. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 abr 2021.

KAWAKAMI C. H. Animais ajudam na recuperação. *Época*, São Paulo, p. 33, 10 set. 2001.

LANGE, O.. La naissance de la psychanalyse. Coletânea de cartas de Sigmund Freud, redigidas entre os anos de 1887 e 1902, contendo notas e planos de trabalho, recolhidos e ordenados por Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 247-248, set. 1956. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X1956000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1956000300010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 abr. 2021.

LIMA, M. H. C. C. de A. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos**. TESE (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29552/1/TESE%20Maria%20Helena%20Costa%20Carvalho%20de%20Araújo%20Lima.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MONTEZZI, Mila Feital. **De melhor amigo do homem a co-terapeuta: terapia assistida por cães**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2014.

PEREIRA, Mara Julia Fragoso. PEREIRA, Luzinete. FERREIRA, Maurício Lamano. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 14, p.62-66. abr.-maio, 2007. Editorial Bolina, São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84201407>. Acesso em :15 abr. de 2021.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 404-417, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 abr. 2021.

PLASTINO, Carlos Alberto. **O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

PRUDENTE, R. C. A. C.; RIBEIRO, M. A. C. Psicanálise e ciência. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2005, n. 25, v. 1, p. 57-68. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a06.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

RICARDO, P. **Guia de terapia assistida por animais**. KINDLE, 2017, *E-book*.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, E. S. Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 475-492, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/1582/1489>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SENDIN, M. M. Introdução a psicoterapia em terapia assistida por cães. In: módulo básico, 2013. **Cães auxiliando no bem estar humano**. São Paulo: USP (curso de Terapias Assistida por Cães). 2013.

SERPELL, J. **In the company of animals: a study of human- animal relationships**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STEFANELLI, M. C. **Comunicação como paciente** – teoria e ensino. 2.ed São Paulo: Robe, 1993

SILVA, Clarice Moreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 520-533, Set. 2016. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932016000300520&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300520&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 abr. 2021.

SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio** – a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 4. Ed. São Paulo: Gente, 1996.

SIMIONE, A. A. A crítica da modernidade e crise dos paradigmas revisitadas: construção coletiva como alteridade de produção do conhecimento. **Saberes: Filosofia e Educação**, Natal, v. 1, n. 14, out. 2016, p. 181-201. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/9061/7265>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SOLER, Colette. **Declinações da angústia**. São Paulo. Escuta, 2001.

TELHADO, J. Animais ajudam a curar doenças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 2001, edição 00153, de set. 2001, caderno Casa, p. 8. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_12&pagfis=44321](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_12&pagfis=44321). Acesso em: 15 de abr. 2021.

TORRE, E. H. G; AMARANTE, P. Michel Foucault e a “História da Loucura”: 50 anos transformando a história da psiquiatria. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, ISSN 1984-2147, Florianópolis, V. 3, n. 6, p. 41-64, 2011. Disponível em: **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 5-26, jan./jun. 2021 – ISSN 2674-9483**

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjomNLTsJzwAhWVlbkGHe4oBusQFjABegQIBBAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fcbasm%2Farticle%2Fdownload%2F68499%2F41275%2F239204&usg=AOvVaw3XHYSKI\\_fCCd9runvIOupFI](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjomNLTsJzwAhWVlbkGHe4oBusQFjABegQIBBAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fcbasm%2Farticle%2Fdownload%2F68499%2F41275%2F239204&usg=AOvVaw3XHYSKI_fCCd9runvIOupFI). Acesso em: 25 mar. 2021.